

CONTINUIDADE E AUSÊNCIA: A TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM E AS CASAS DE ARAUCÁRIA EM CURITIBA-PR

Núbia Parol

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO/UFPR)¹

nubiaparol@gmail.com

RESUMO: O processo de mutabilidade da paisagem urbana é ininterrupto e como a sincronia de um relógio, irrepitível a cada instante. Nesse sentido, o trabalho em questão ampara-se nas bases epistemológicas da Nova Geografia Cultural para compreender a transformação da paisagem cultural curitibana, com ênfase nas Casas de Araucária entre o período de 2001 a 2008. O termo Casa de Araucária refere às edificações construídas durante o Ciclo da Madeira no Paraná, cujo material básico empreendido foi a *Araucária Angustifolia* e a técnica construtiva contemplava, entre outros elementos, tábuas verticais e mata-juntas. Outrora, as casas em questão permeavam a paisagem da cidade com maior intensidade e nas últimas décadas, apesar do valor histórico que possuem, desaparecem progressivamente, transformação do espaço urbano que é analisada neste estudo por meio de mapeamento e fotografias.

Palavras-chave: Transformação da Paisagem, Casas de Araucária, Curitiba.

GT – 07: Geografia histórica urbana

¹ Orientador: Alessandro Filla Rosaneli, Universidade Federal do Paraná (UFPR).

INTRODUÇÃO

A arquitetura em madeira constitui parte integrante da paisagem paranaense e de uma parcela relevante da Região Sul do Brasil, com características próprias que diferenciam-se das demais regiões do país. Trata-se de um padrão cuja construção é formada basicamente com madeira, tendo paredes construídas por tábuas verticais e mata-juntas, e pode ser considerada a mais expressiva arquitetura popular e tradicional do Estado do Paraná (BATISTA, 2007). Tais elementos estão presentes no espaço urbano de Curitiba, e ainda hoje pode-se encontrar diversos exemplares de casas de madeira na capital do estado, revelando uma tradição construtiva com vínculos históricos e aderência ao espaço.

Nesse aspecto, é importante ressaltar que desde meados do século XX já haviam relatos e documentos acerca dessa questão, a exemplo da publicação de Cataldo (1970) no livro “Tipos e Aspectos do Brasil”, que destaca a relação entre a paisagem meridional do país e as casas de madeira com cumeeiras inclinadas. Entre as diferentes edificações em madeira presentes em Curitiba, a proposta deste estudo é abordar em maiores detalhes as Casas de Araucária, denominadas assim pelo arquiteto Key Imaguire Júnior (1993), devido a essas construções terem sido feitas durante o Ciclo da Madeira, no período entre os anos 1900–1960, e em função do material ser quase exclusivamente a *Araucária angustifolia*.

Embora tenha um significado bastante intenso para a cidade de Curitiba, as intituladas Casas de Araucária estão sendo aos poucos demolidas e substituídas por construções de alvenaria e/ou concreto, em um processo lento e contínuo. Batista (2010, p. 23) coloca que essa arquitetura tornou-se escassa já nas décadas de sessenta e setenta, “devido ao rápido desmatamento da floresta de araucária que diminuiu consideravelmente a oferta de madeira”, associado ao fato das casas de alvenaria ficarem mais acessíveis aos moradores e, posteriormente, a legislação ambiental mais restritiva à derrubada das florestas.

Ademais, Laroca (2002, p. 91) aponta também fatores especulativos, pois em determinado momento passou-se a predominar a ideia de que “casa de madeira é casa de pobres, de má qualidade e temporária”. Havia muitas casas em madeira com fachadas em alvenaria, portanto, “subir na vida significava mudar-se para uma casa de ‘material’”. Mesmo com as transformações na paisagem em um processo de renovação urbana (SÁNCHEZ, 2010), a

tradicional arquitetura em madeira ainda resiste ao tempo. No entanto, tais fatores e processos ainda persistem, conforme pode ser observado no relato de Martins (2022, p. 1):

“Acima da Região Sul, é raro enxergar uma casa de madeira que não sejam as construídas de forma precária nas favelas. Para os meus parentes paulistas, meu primo estava morando em alguma área de invasão. Expliquei que as casas de madeira ao estilo das construídas por imigrantes europeus ainda eram comuns no Paraná. Que se bem preservadas, eram confortáveis, com vários cômodos e até quintal”

(...)

“As casas de madeira são um marco na história do Paraná. Lembram os tempos da colonização do estado. Agora, essas edificações tombam para dar lugar a sobrados conjugados. Onde havia uma casa térrea são erguidos três, quatro sobrados geminados de dois, três pavimentos. Saem os amplos quintais, entram as áreas de serviço diminutas” (MARTINS, 2022, p. 1).

Dessa forma a paisagem, como elemento integrante do espaço geográfico, está em permanente transformação e agrega aspectos conceituais bastante complexos, sendo interpretada neste artigo de acordo com a visão da Nova Geografia Cultural. Para tanto, a investigação buscou realizar uma pesquisa bibliográfica, cartográfica e documental do tema proposto, e fazer a coleta de dados e de identificação das residências históricas que foram demolidas entre o período de 2001 a 2008 com base nos inventários propostos e realizados pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC). Assim, foi feita uma contextualização do processo de transformação da paisagem urbana de Curitiba e dos conceitos e abordagens culturais utilizados, para então apresentar os procedimentos adotados e os resultados e fotografias que ilustram o processo retratando a mudança da paisagem em uma parcela das complexidades crescentes que caracterizam o espaço urbano.

A ARQUITETURA EM MADEIRA E O PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM EM CURITIBA

A arquitetura das Casas de Araucária, pode ser considerada sincrética, uma vez que apresenta fortes vínculos com as técnicas construtivas trazidas pelos imigrantes, que chegaram na região entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, e elementos pertencentes ao saber fazer local (IMAGUIRE JUNIOR, 1993). Nesse aspecto, as inovações

construtivas trazidas pelos imigrantes podem ser notadas na transformação do padrão colonial que situava as residências no alinhamento predial dos terrenos, uma vez que os colonizadores consideravam áreas verdes sinônimos de atraso. Em Curitiba, os imigrantes alemães foram precursores dos sótãos habitáveis e do alinhamento das casas no meio dos terrenos, instaurando o uso de jardins frontais (DUDEQUE, 2001).

Os imigrantes não encontraram no Brasil os mesmos materiais que estavam acostumados para a confecção de moradias, gerando adaptações de técnicas construtivas com o ambiente natural, processo que resultou em “uma arquitetura rica e singular” (BATISTA, 2007, p. 28). No Paraná, o exemplar mais significativo desta arquitetura de imigração é a Casa de Araucária. Zani (2013, p. 11) afirma que tal padrão de construção “predominou nas paisagens paranaenses até metade do século XX, tanto pelas construções em madeira de pinho *araucária angustifolia* (...) como pelas de peroba rosa *aspidosperma polyneuron*”, a segunda principalmente na região Norte do Estado do Paraná. A capital Curitiba, cujas cercanias dotadas de extensas matas de araucária, ou Floresta Ombrófila Mista, permitiu receber serrarias e construções de madeira quando este material passou a ser acessível aos seus habitantes, principalmente até a década de 1960 (BERRIEL et al., 2010).

Nesse contexto, em 1939, a exportação da madeira superou a erva-mate e tornou-se o item de maior ênfase econômica para o Estado, mas por um período muito breve, na sequência a madeira foi superada pelo café. Os maiores compradores da madeira da araucária paranaense, na primeira metade do século XX, foram a Inglaterra e a Argentina. O destino final da “madeira de lei paranaense”, em sua grande maioria, foi a confecção de caixas que recebiam produtos das indústrias europeias (DUDEQUE, 2001, p. 41). A produção cultural deixada pelo Ciclo da Madeira foi a arquitetura popular, as Casas de Araucária, fenômeno que pode ser visualizado na cidade de Curitiba e ao longo do Paraná (IMAGUIRE JUNIOR, 1993).

Concomitante ao Ciclo da Madeira, acentua-se a imigração de origem europeia para Curitiba, e os colonos influenciaram com técnicas de construção e no ecletismo da arquitetura. Dentre eles, destacam-se os de origem alemã, cuja contribuição no estilo arquitetônico se reflete em casas enxaimel, os italianos, que edificaram moradias utilizando pedras e/ou outros materiais disponíveis, além dos poloneses com a técnica da madeira encaixada (IMAGUIRE JUNIOR, 1982). Em sequência, as necessidades adequaram-se aos recursos locais: principalmente a madeira, abundante em toda a região sul do Brasil no início do século XX

(ZANI, 2013). Nesse sentido, a resplandecência das matas meridionais foi ressaltada nas trocas de correspondências entre os imigrantes que aportaram no Brasil e os familiares que permaneceram na Europa:

“Os pinheiros são menos grossos e altos, mas são diferentes do que na Polônia, porque não possuem nós na parte baixa. Fornecem muita madeira. Nós não os serramos, porém partimos com cunhas de ferro, lascando tabuinhas, e tábuas de diversos tipos são rachadas como cartas de baralho (...) Minha casa já está pronta. Agora construímos casas para os outros (...) Eu mesmo fabriquei os móveis com machado, porque aqui não há outro costume. Cada um tem que fazer sozinho” (POLINARI, 1990).

A população local foi beneficiada com a abundância das grandes reservas de araucárias e o advento das serrarias que promoveu a industrialização e padronização do corte da madeira. Dessa forma, foi possível aprimorar inovadoras tecnologias de construção que resultaram em uma arquitetura singular proveniente da imigração, uma vez que não existem registros que comprovem a recorrência desse sistema construtivo em outros lugares do mundo (BATISTA, 2007).

No entanto, com o avanço da urbanização ao longo da segunda metade do século XX e a consequente valorização do metro quadrado em Curitiba, as casas de madeira passam a simbolizar o arcaico. À medida que os proprietários idosos falecem, os herdeiros se desfazem da casa, da terra, em troca de modernos apartamentos em conjuntos habitacionais. A título de exemplo, o artigo publicado por Lima (2007) abordou o estudo geográfico das casas de madeira em Maringá e constatou, por intermédio de análises empíricas e entrevistas aos moradores das residências em questão, que as casas de madeira estão sucumbindo, desaparecendo, perante o processo de urbanização e valorização do metro quadrado da terra à medida que os bairros crescem. No entanto, é válido apontar que o estilo arquitetônico das casas de madeira no norte do Paraná difere radicalmente das casas curitibanas.

Dessa forma, pode-se entender que, a partir do crescimento da cidade ao longo do tempo, locais onde anteriormente existiam Casas de Araucária (e outras variações de construções de madeira) passaram a ser vendidos e ocupados por outros tipos de edificações. A valorização dos terrenos, a falta de manutenção frente às intempéries e, eventualmente, a morte de seus habitantes originais, tem feito com que essas casas sejam substituídas por novas habitações e edificações com maior valor agregado, principalmente de alvenaria e/ou concreto,

perdendo suas características originais que retratavam a história e a cultura intrínseca da paisagem. Froner (2009, p. 89) aborda essa questão, afirmando que:

“A expansão das sociedades capitalistas, o fenômeno do crescimento urbano descontrolado e a disseminação das tecnologias de construção industrial têm acarretado a desagregação de dois tipos de patrimônio extremamente vinculados: a paisagem urbana e a arquitetura vernacular. Por paisagem urbana devemos compreender a imagem da cidade que emana sua identidade; uma identidade artística e histórica, ao mesmo tempo cultural e comprometida com as relações específicas da sociedade” (FRONER, 2009, p. 89).

Nesse sentido, é válido pontuar que a memória é um terreno instável, movediço, construída socialmente ela modifica-se de grupo para grupo, de indivíduo para indivíduo. A memória é imprecisa, no entanto é responsável por manter vivos os símbolos significativos do passado para a comunidade e acentuar aspectos relacionados à identidade. Nesse sentido, o patrimônio não se restringe a construções materiais; é material e imaterial, as duas esferas não se separam, dialogam e se complementam (LE GOFF, 1990). Algumas Casas de Araucária ainda persistem na paisagem curitibana, mesmo que boa parte delas tenham sucumbido a esse processo de transformação. A respeito dessa questão, Fortuna (2013, p. 36) acrescenta que:

“A paisagem urbana pós-moderna é sintomática deste sentido transgressor. Estou a pensar na própria configuração arquitetônica das nossas cidades que se revela uma simbiose de estilos e de tempos diversos, senão mesmo antagônicos. O estilo que predomina na arquitetura urbana de hoje é a mistura dos estilos, numa inusitada demonstração de variedade estética e de sensibilidade histórico-arqueológica. A natureza da paisagem urbana diversifica-se e as ruínas e outros conjuntos arquitetônicos antigos e mais amplos, criados com intencionalidades bem definidas e por classes sociais também claramente identificadas, mostram-se adaptáveis a épocas distintas, com outras funcionalidades e exigências e ao serviço de outras classes sociais” (FORTUNA, 2013, p. 36).

Em vista disso, pode-se entender que a memória transpassa o patrimônio. Para Lefebvre (2001), existe uma diferença significativa entre cidade e urbano. Respectivamente, a cidade representa o material, o arquitetônico, enquanto o urbano, as relações construídas, lembranças, segmentos abstratos, apontando para a existência das memórias da cidade, memórias essas que podem ser observadas nas Casas de Araucária.

A NOVA GEOGRAFIA CULTURAL E A CONCEPÇÃO DE PAISAGEM

O conceito paisagem na Geografia é polissêmico, e ao longo da construção intelectual de significância do termo, existiram interpretações multifacetadas que persistem até os dias de hoje. No final do século XVIII, Alexander Von Humboldt introduziu o conceito paisagem na Geografia moderna a partir de observações da natureza, compreendida pelo autor como expressão da paisagem. No final do século XIX, com a instituição da Geografia enquanto ciência acadêmica na Alemanha, o conceito transfigurou-se a partir da atuação de Otto Schluter (1872-1959) e Siegfried Passarge (1866-1958). Schluter, difundiu o termo *kulturgeographie*, referindo-se ao campo do conhecimento que interpretava a paisagem a partir das transformações promovidas pela ação humana, nesse contexto a *Kulturlandschaft*, isto é, paisagem cultural, se opunha ao conceito *naturlandschaft*, paisagem natural (RIBEIRO, 2007). A interpretação proposta pelos intelectuais alemães influenciou Carl Sauer e a Escola de Berkeley, nos Estados Unidos. Para Sauer (1996, p. 301): “*Landscape* seria o equivalente ao alemão *Landschaft*, e pode ser definido como uma área construída por uma associação distinta de formas, tanto naturais como culturais”.

Sauer propõe que a paisagem é expressão do trabalho do homem sobre o espaço, portanto é mutável e suscetível ao desenvolvimento cultural. Além disso, o autor interpreta a paisagem como um elemento orgânico, enfatizando, a partir de uma ótica darwinista, estágios evolutivos da mesma e aspectos materiais (RIBEIRO, 2007). Posteriormente, a proposta intelectual de Sauer sofrerá críticas contundentes, pois para James Duncan, por exemplo, reduzir a cultura a um elemento supraorgânico significa limitar a ação humana individual e interpretar os aspectos culturais como uma entidade irreduzível que responde a leis próprias (DUNCAN, 2002)

O determinismo geográfico que pairava na esfera intelectual no início do século XX, influenciou o pensamento sauriano que assinalou a cultura humana como força determinista na transformação da natureza (COSGROVE, 1998). A partir de 1970, estrutura-se um contexto de reformulação epistemológica na Geografia, denominado virada cultural, no qual emerge a abordagem da Nova Geografia Cultural, cujo enfoque abrange a imaterialidade das paisagens e, portanto, a fim de assinalar a ruptura com os intelectuais da escola de Berkeley, utiliza-se a nomenclatura *Nova*.

Para o geógrafo Denis Cosgrove, a paisagem é um “*modo de ver*” que se configurou na Europa Renascentista, período de advento da noção de perspectiva no campo da arte e de mapeamento de áreas recém “descobertas” pelos europeus. Portanto, o advento do conceito paisagem está ligado a uma nova maneira dos europeus interpretar e ver o mundo (COSGROVE, 2012). Cosgrove (2011, p. 343) assinala que todas as paisagens são simbólicas porque resultam da transformação do meio ambiente pelos homens. Para o filósofo Cassirer, o processo simbólico é como uma “torrente unitária de vida e de pensamentos, torrente essa que inunda a consciência e que nesse movimento torrencial gera, então, a diversidade e coesão da consciência, bem como sua plenitude, sua continuidade e sua constância”. Portanto, para decodificar os significados impressos na paisagem por intermédio da cultura, é necessário empregar o conhecimento da linguagem.

Desse modo, metaforicamente, a paisagem assemelha-se a um texto esperando a decodificação geográfica a partir de vestígios culturais, como pinturas, poemas, romances, contos populares, canções, filmes e músicas. Nesse sentido:

“Os seres humanos experienciam e transformam o mundo natural em um mundo humano através de seu engajamento direto enquanto seres pensantes com sua realidade sensorial, material. A produção e reprodução da vida material é, necessariamente, uma arte coletiva, mediada na consciência e sustentada através de códigos de comunicação. Esta última é produção simbólica. Tais códigos incluem não apenas a linguagem em seu sentido formal, mas também o gesto, o vestuário, a conduta pessoal e social, a música, a pintura, a dança, o ritual, a cerimônia e as construções. Mesmo esta lista não esgota a série de produções simbólicas através das quais mantemos o nosso mundo vivido, porque toda atividade humana é, ao mesmo tempo, material e simbólica, produção e comunicação. Esta apropriação simbólica do mundo produz estilos de vida (*genres de vie*) distintos e paisagens distintas, que são histórica e geograficamente específicas. A tarefa da geografia cultural é apreender e compreender esta dimensão da interação humana com a natureza e seu papel na ordenação do espaço” (COSGROVE, 1998, p. 01).

Além do caráter simbólico, a cultura também está relacionada ao poder, e as paisagens dominantes expressam a hegemonia de um grupo sobre outros. No espaço urbano esta lógica se materializa, entre outras ferramentas, através dos Códigos de Postura que determinam os elementos agradáveis ou não aos olhares dos transeuntes. A paisagem não é homogênea, e como um caleidoscópio multifacetado é composta por diversos elementos que expressam relações de poder e sentido político, manifestos nas noções de paisagem dominante, emergente, residual e

excluída (COSGROVE, 2012). As paisagens residuais são aquelas cuja função original perdeu-se ao longo do tempo e os simbolismos existentes não convergem necessariamente com os usos contemporâneos. As paisagens excluídas referem-se às culturas tratadas como marginais, e nesse aspecto Cosgrove (2012) cita a cultura doméstica, essencialmente feminina e de pouco destaque no âmbito acadêmico e em outras esferas sociais. Por fim, as paisagens emergentes são caracterizadas pela efemeridade e a proposta em desafiar a cultura dominante.

Segundo Yi-Fu Tuan, originalmente a palavra paisagem referia-se ao mundo real e não estava necessariamente atrelada ao âmbito artístico. A denominação *landschap*, proveniente do holandês, designava lugares terrenos, como por exemplo fazendas, campos e pequenas propriedades rurais. No entanto, no final do século XVI, quando o conceito foi absorvido pelos ingleses, perdeu as raízes terrenas adquirindo significado artístico e em momentos específicos a paisagem definiu um panorama visto a partir de determinado ponto (TUAN, 2012). Nesse sentido, a paisagem é um cenário que tem sua própria história, no entanto essa história não se limita ao contexto econômico das sociedades, pois tem seu próprio modo de expressão que se articula com outros aspectos culturais das sociedades (CARVALHO, 2018 *apud* COSGROVE, 1985).

À vista disso, a paisagem é um discurso histórico-geográfico, *um modo de ver*, que os homens constroem historicamente nas relações entre si e com os outros. Na perspectiva cosgroveana, a paisagem é uma construção histórica suscetível às transformações do tempo e do espaço, de acordo com as relações culturais, sociais e econômicas. Por outro lado, Cosgrove alerta que não objetiva reduzir a paisagem a uma construção social; pois a categoria representa um objeto material da Geografia atrelando o ambiente natural e a ação humana, cenário que expõe aspectos simbólicos que devem ser observados (CARVALHO, 2018).

Por conseguinte, a ciência geográfica torna-se também portadora de uma herança pictórica que abrange pinturas, mapas, fotografias, textos, entre outros instrumentos que comunicam ideias e formas de ver e sentir o mundo (COSGROVE, 1985). Em consonância com tais ideias, o geógrafo francês Augustin Berque (1994, p. 05) aponta que “a paisagem não se reduz ao mundo visual dado à nossa volta. Ela é sempre especificada de qualquer forma pela subjetividade do observador. Subjetividade que é mais do que um simples ponto de vista ótico”.

REGISTROS DA PAISAGEM URBANA EM CURITIBA E O PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO COM BASE NOS INVENTÁRIOS DAS CASAS DE ARAUCÁRIA

Tendo como base o processo de transformação da paisagem curitibana e a concepção de paisagem como elemento integrante do espaço geográfico, este estudo optou por dar ênfase às Casas de Araucária em uma complexidade inerente ao espaço urbano. Em termos metodológicos, o estudo está ancorado em bases qualitativas. Ainda que uma metodologia única de pesquisa qualitativa possa não existir, a prática decorre diretamente de cinco características. Primeiramente, a pesquisa qualitativa visa estudar o significado da vida das pessoas e suas realidades no palco do cotidiano, representando ainda as opiniões e perspectivas dos indivíduos e suas condições contextuais. A quarta característica envolve a valorização de conceitos emergentes ou existentes que podem contribuir para a compreensão do comportamento social humano, e, por fim, ampara-se no uso de diversas fontes para a validação da pesquisa.

Nesse sentido, vale ressaltar que a pesquisa qualitativa visa compreender os fenômenos e seus significados ao longo de seus percursos. A possibilidade de interpretações multifacetadas dos eventos humanos pode levar a pesquisa qualitativa a extremos filosóficos que divergem entre múltiplas realidades ou uma única realidade determinada pelo conjunto dos fatos, a grande maioria dos estudos qualitativos se situam entre os dois extremos esmiuçados (YIN, 2016). Por exemplo, a estratégia de pesquisa que envolve a análise documental configura-se como uma técnica da pesquisa qualitativa

A análise documental também pode ser denominada como método histórico, e há uma profusão de termos difundidos pelos pesquisadores. É comum no meio acadêmico as seguintes denominações: “pesquisa documental, método documental, técnica documental e análise documental” (SÁ-SILVA et al., 2009, p.03). Isso posto, a pesquisa documental concerne em um procedimento que se baseia em métodos e técnicas para a análise de variados documentos, sejam eles escritos, filmes, vídeos, fotografias ou até mesmo um pôster. Essa profusão de documentação analisada enquanto fonte remonta a escola historiográfica dos *Annales*. A historiografia tradicional e positivista, ao longo do século XIX, considerou fonte apenas os

documentos escritos, nesse sentido: “tudo o que é vestígio do passado, tudo o que serve de testemunho, é considerado como documento ou 'fonte'" (CELLARD, 2008).

Na pesquisa em questão, foram definidos alguns procedimentos e estratégia metodológica de pesquisa, que incluíram uma revisão bibliográfica do assunto e um levantamento e análise documental e cartográfica sobre o tema proposto, em que foi possível identificar dois inventários de Casas de Araucária em Curitiba feitos pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC), o primeiro em 2001 e o segundo em 2008, permitindo acesso ao endereço das residências. O inventário feito em novembro de 2008 é uma atualização de um arrolamento arquitetônico realizado em 2001, e contém a categorização tipológica das construções que se dividem em cinco unidades: casas luso-brasileiras, casas de imigração, casas com chanfro, telhados de quatro águas e modernistas (IMAGUIRE JUNIOR e IMAGUIRE, 2001).

Os inventários caracterizam-se como fontes de pesquisa qualitativa com foco na paisagem, pois não foi o intento analisar tipologias arquitetônicas relacionadas às Casas de Araucárias, uma vez que este trabalho já foi realizado extensivamente por arquitetos. Interessante, do ponto de vista metodológico, as atualizações trazidas pelo arrolamento do IPPUC de 2008 em relação ao inventário de 2001, envolvendo: 63 casas de araucária ainda em pé e bem conservadas, enquanto 25 foram demolidas e 08 não encontradas. As serrarias e Igrejas em madeira, também presentes no levantamento, não foram contempladas pela pesquisa devido a necessidade de estabelecer um recorte.

Embora os centros históricos representem o traçado inicial das cidades, em que Salcedo e Lucredi (2018) reforçam a importância da preservação da paisagem cultural frente às transformações urbanas, em Curitiba a legislação municipal dificultou a construção de casas em madeira nas áreas centrais da cidade desde o início do século XX. Conforme a Lei Municipal nº 177, de 30 de abril de 1906, proibiu-se a construção em arquitetura em madeira na região mais central e nas principais ruas da cidade: XV de Novembro, Praça Tiradentes e Barão do Rio Branco:

“Para dificultar a construção das residências em madeira, várias prescrições legais apareceram no Código de Posturas promulgado em 1919. Curitiba foi dividida em 3 círculos concêntricos. O primeiro círculo deveria ser um mostruário da civilidade curitibana, e todas as construções deveriam ser de alvenaria, no alinhamento das ruas,

com alturas idênticas (como a preocupação era que as mazelas fossem vistas da rua, muitas residências de madeira foram toleradas atrás das fachadas de alvenaria). No segundo círculo, as construções em madeira eram permitidas, desde que fossem pintadas a óleo, não tivessem mais de um pavimento, o recuo frontal tivesse pelo menos 10m e os recuos laterais tivessem 2m, até as cercas. No terceiro círculo da urbe as obras de madeira deveriam seguir as mesmas regras, mas, como eram imunes a visitantes de outras plagas, podiam ser pintadas de cal” (DUDEQUE, 2001, p. 249).

Segundo Tuan (2012, p. 263), “o conceito de um gradiente hierárquico partindo do centro para as margens baixas, foi idealizado na capital dos Medas em Ecbatana. Ainda no século XX é possível observar algo dos gradientes de valores na zonas sucessivas de uma metrópole”. Levando em conta essa questão, é possível notar nos inventários que as Casas de Araucária encontram-se espalhadas por diversos bairros da cidade, dentre eles: Água Verde, Ahú, Bairro Alto, Bacacheri, Bigorrilho, Boa Vista, Bom Retiro, Cascatinha, Cristo Rei, Jardim Botânico, Juvevê, Mercês, Portão, Santa Felicidade, São Francisco, São Lourenço, Seminário, Uberaba, Umbará, Vista Alegre e Xaxim, de acordo com o levantamento proposto pelo IPPUC em 2008.

No inventário, é possível notar um total de 25² Casas de Araucária que foram demolidas em Curitiba entre 2001-2008, e, ainda, 08 edificações que não foram encontradas e/ou identificadas pelo IPPUC no período da análise com base nas informações do levantamento inicial, totalizando 33 residências que desde 2008 (ou antes) não existem mais na paisagem urbana de Curitiba. As casas descaracterizadas e realocadas não foram contempladas. De forma comparativa, em 2001 existiam 97 casas de araucária em condição de traslado, espalhadas pelo município de Curitiba. Já em 2008 o número restringia-se a somente 63 residências deste tipo ainda em pé e resistindo ao tempo. A Figura 1 ilustra os bairros que perderam exemplares de Casas de Araucária no período e a quantidade, através de cartograma elaborado pelo *software* livre de geoprocessamento QGIS, desenvolvido pelo *QGIS Development Team*.

² No que tange ao bairro Uberaba, o inventário do IPPUC (2008) aponta duas casas como demolidas na Rua Salgado Filho, antiga estrada de São José dos Pinhais. No entanto, a numeração da rua mudou nos últimos anos, de acordo com moradores. O Armazém Santa Ana, referido com numeração de casa demolida, permanece em pé como último armazém de produtos secos em funcionamento na cidade, além de constituir uma Unidade de Interesse de Preservação (UIP). Por isso, constatou-se apenas uma casa de araucária demolida no bairro Uberaba.

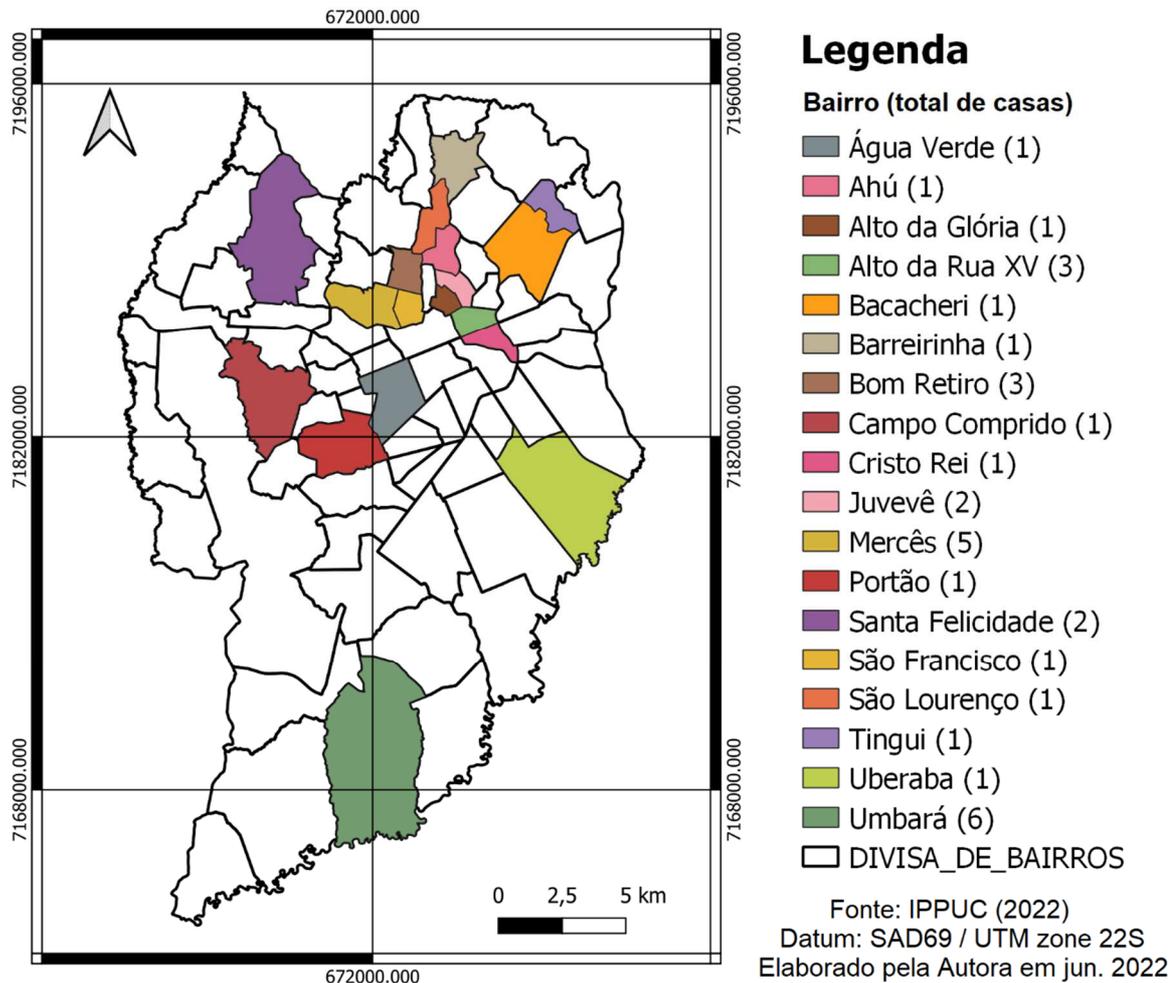


Figura 1 – Distribuição por bairro das Casas de Araucária demolidas em Curitiba entre 2001-2008.

Com base no mapa e nos dados é possível concluir que os bairros nos quais houve o maior número de demolições foram: o Umbará, seguido pelas Mercês, Bom Retiro, Alto da Rua XV, Juvevê e Santa Felicidade. É interessante apontar que, segundo Imaguire, em 2001, somente no bairro das Mercês existiam 120 casas de Araucária. No entanto, no documento foram inventariadas apenas as casas capazes de suportar um traslado, pois inicialmente o arrolamento arquitetônico objetivava a remoção das Casas de Araucária para a denominada Vila da Madeira, no Parque Atuba, com extensão em área para agregar trinta edificações. Vale ressaltar que, mais de vinte anos depois, apenas uma casa ocupa esse espaço.

Em relação ao método de coleta e análise de dados por intermédio de imagens, a fotografia como fonte é um testemunho das transformações do espaço urbano da cidade. No

entanto, é importante destacar que o uso de imagens não é imparcial ou está isento de manipulações. Imagens são distorcidas com finalidades políticas, a título de exemplo, servem as fotografias manipuladas por Stalin no período soviético. Fotografias também não são universais e a interpretação da imagem é variável de uma pessoa para outra. Na pesquisa qualitativa, o uso de fotografia, quando bem direcionado, pode ser um instrumento de extremo valor para o pesquisador que objetiva investigar a especificidade das transformações históricas (BAUER, 2017). Ainda, o geógrafo Milton Santos define que a paisagem é o resultado de tempos desiguais. Para o pesquisador, a Geografia histórica consiste na reconstrução de paisagens geográficas de períodos pretéritos (SANTOS, 1996).

Nesse sentido, a fotografia é um instrumento de pesquisa valioso para a análise das transformações das paisagens urbanas. No caso da pesquisa em questão, interessa narrar, através das Casas de Araucária – formuladas pelo saber fazer popular que não se categoriza em movimentos arquitetônicos importados – a transformação da paisagem urbana de Curitiba, com base em exemplos representativos desse processo. A Figura 2 representa uma Casa de Araucária com chanfro, categoria atribuída por Key Imaguire Júnior, que existiu na Rua Almirante Tamandaré esquina com a Marechal Deodoro, situada no Bairro Alto da Rua XV. A segunda imagem (Figura 3), fotografada no ano de 2022, representa o mesmo terreno sem a edificação, apenas murado.



Figura 2 – Casa de Araucária com chanfro.
Fonte: IPPUC (2001).



Figura 3 – Fotografia tirada em Abril de 2022 no mesmo local da Figura 2.
Fonte: Autora (2022).

Na Figura 4 é possível visualizar uma Casa de Araucária que pertencia à tipologia arquitetônica luso-brasileira, que, de acordo com Imaguire (1982; 2001), representa as edificações mais antigas e raramente encontradas em estado de conservação. O exemplar estava edificado na Rua José de Alencar esquina com a Rua XV de Novembro. Atualmente, a maior parte do terreno serve de lugar à um estacionamento de uma concessionária de veículos, em uma nova função social que remete a uma paisagem completamente diferente de antes (Figura 5).



Figura 4 – Casa de Araucária com tipologia arquitetônica luso-brasileira.

Fonte: IPPUC (2001).



Figura 5 – Fotografia tirada em Abril de 2022 no mesmo local da Figura 4.

Fonte: Autora (2022).

A Figura 6 retrata uma Casa de Araucária do tipo imigração, de arquitetura tradicional e elemento bastante presente na paisagem curitibana e paranaense, enquanto na Figura 7, tirada no mesmo local, já é possível ver que a casa já havia sido demolida e não mais existia. O muro, que era baixo e permitia a visualização de boa parte da fachada da residência, ainda guarda na parte inferior sua antiga estrutura, mas é possível ver na imagem que ele foi aumentado e cercado com arame farpado, dificultando a observação do interior do terreno.



Figura 6 – Casa de Araucária do tipo imigração.
Fonte: IPPUC (2001).



Figura 7 – Fotografia tirada em Abril de 2022 no mesmo local da Figura 6.
Fonte: Autora (2022).

A denominação da casa de tipo imigração refere-se à preferência dos imigrantes, que se estabeleceram em Curitiba ao longo do século XX, pelo estilo arquitetônico em chalé. Milton Santos (1996, p. 42) em referência a *Elisée Reclus*, enfatiza que não há ciência geográfica sem a história: “Geografia é a História no espaço e a História é a Geografia no tempo”. Nesse sentido, o espaço pode ser interpretado como um produto histórico e por isso confunde-se com o tempo. A noção do filósofo Emmanuel Kant, que separa o tempo do espaço e consequentemente a História da Geografia, deu origem ao “espaço congelado” assinalado por Foucault no século XX. O espaço geográfico não se limita às coordenadas, a latitude e longitude, da mesma forma, o tempo histórico difere do tempo cronológico (HERKERT NETTO, 2014). Nesse sentido, a paisagem cultural assinalada por Cosgrove é a simbiose do pretérito e do presente, do simbólico e do material e como um palimpsesto o novo se sobrepõem ao antigo, mas sem apagar em definitivo as suas marcas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Casa de Araucária, elemento que tece a paisagem curitibana, não é apenas a materialidade da casa. A residência é o abrigo para onde recorrem os devaneios. É a morada das lembranças mais íntimas e cotidianas, é o lócus de pertencimento mais profundo do homem no mundo. É simbolismo, significado, é um signo que permeia a memória dos curitibanos e também daqueles que foram abrigados por essa terra. É a expressão de uma arquitetura

tradicional, não só de Curitiba, evidentemente, mas de toda a região Sul, com suas especificidades locais. É um texto que ainda pode ser lido na paisagem da cidade cujas linhas narram a poética pretérita, dos tempos em que a árvore símbolo foi explorada predatoriamente e cujo único remanescente cultural foi a casa de tábua vertical e mata-junta que gradativamente, também tomba, dia após dia e desaparece da paisagem, mas continua em pé na memória.

Da mesma forma, a casa de araucária é expressão dos recursos locais abundantes no século XX, é o encontro entre o saber popular local e dos mestres carpinteiros imigrantes; é a expressão arquitetônica que não se enquadra nas escolas de arquitetura importadas ao longo do século XX e que denotam o saber fazer das elites locais. A casa de araucária é o signo do pretérito que insiste em sobreviver em uma paisagem urbana de encontros e desencontros humanos, de proliferação da verticalização e sua gélida sombra, da especulação imobiliária e terrenos vazios. A casa de araucária é o símbolo que assinala os tempos em que as casas tinham muros baixos e jardins frondosos, os tempos em que os limoeiros e jabuticabeiras faziam parte do cotidiano das pessoas e que o contato com o natural, não se resumia a palmeiras imperiais plantadas artificialmente em linha reta em frente a um condomínio.

Assim, as considerações e os resultados aqui obtidos e analisados não se limitam a essa breve síntese em forma de artigo científico. A pesquisa apresenta potencial para prosseguir e avançar de forma mais detalhada na análise do processo de transformação da paisagem de Curitiba, em que as Casas de Araucária e, de maneira mais geral, a arquitetura em madeira podem ser investigadas com base na Geografia histórica urbana. Entre diversas possibilidades investigativas, o próximo passo será mapear as Casas de Araucária dos inventários de 2001 e 2008, e atualizá-los com base em trabalho de campo, avaliando neste processo as casas remanescentes, a modificação da paisagem urbana e sua construção histórica e suscetível às transformações do tempo e do espaço.

REFERÊNCIAS

ANDREOTTI, G. O senso ético e estético da paisagem. **Raega**, v. 24, 2012.

BATISTA, F. D. **A tecnologia construtiva em madeira na região de Curitiba**: da casa tradicional à contemporânea (Mestrado). UFSC/Florianópolis, 2007.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Editora Vozes Limitada, 2017.

BERQUE, Augustin. Paysage-empreinte, paysage-matrice: éléments de problématique pour une géographie culturelle. In: **L'Espace géographique**, v. 12, n. 1, 1984, p. 05-10.

BERRIEL, A.; BATISTA, F. D.; ROCHA, M. **A Casa de Araucária: Arquitetura de Madeira Em Curitiba**. Curitiba: Grifo, 2011.

CARVALHO, José Luiz de. **Terra à vista: a obra do viajante-artista John Henry Elliott e a formação da Província do Paraná no Segundo Reinado**.

CATALDO, D. M. Casas de Madeira do Paraná. In: PERCY, L.; BARBOZA, L. **Tipos e aspectos do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1970. Pp, 375.

CELLARD, André. A análise documental. In.: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa**. 2008.

CORRÊA, R. L. Denis Cosgrove – a paisagem. **Espaço e cultura**, n. 29, p. 7-21, 2011

DUDEQUE, Irã Taborda. **Espiraís de madeira: uma história da arquitetura de Curitiba**. Studio Nobel, 2001.

FEBRE, Lucien. **Combate pela história**. Lisboa, Editorial Presença 1977.

FORTUNA, C. **Identidades, percursos, paisagens culturais**. Coimbra, 2013.

FRONER, Y. **Patrimônio cultural: tangível e intangível**. Paisagem cultural e sustentabilidade. Belo Horizonte: IEDS/UFMG, p. 83-94, 2009.

HERKERT NETTO, Andreia et al. **O testemunho das imagens: a transformação da cidade de Santa Maria-RS retratada a partir do acervo dos arquivos históricos: 1885-2010**. 2014.

IMAGUIRE JUNIOR, K. **A Arquitetura no Paraná: uma contribuição metodológica para a história da arte (Dissertação de Mestrado)**. Curitiba: UFPR, 1982.

IMAGUIRE JUNIOR, K. **A Casa de Araucária: Arquitetura Paranista**. Curitiba: tese de concurso, UFPR, 1993.

IMAGUIRE JUNIOR, K.; IMAGUIRE, M. R. G. **A Casa de Araucária: Estudo Tipológico**. Curitiba: Trabalho Técnico Contratado pelo IPPUC, 2001.

IPPUC. **Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba**. Disponível em: <https://www.ippuc.org.br/>. Acesso em: mai. 2022.

LAROCA, C. Habitação em Pinus, uma alternativa de mercado. **Revista da Madeira**, Brasil, p. 91 - 95, 2002.

LIMA, M. G. Um estudo geográfico sobre as casas de madeira em Maringá-PR. **Boletim de Geografia** (UEM), v. 25, n. 1, p. 81-94, 2007

MARTINS, Fernando. As históricas casas de madeira. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 14 abr. 2012. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/colunistas/fernando-martins/as-historicas-casas-de-madeira-21rklfrblbd7fd6dv5f7qb4um/>. Acesso em: 23 mai. 2022.

POLINARI, M. **Fontes para a História do Paraná**: cronistas dos séculos XIX e XX. Curitiba: SEEC, 1990, p. 21-22.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista brasileira de história & ciências sociais**, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2009.

SALCEDO, R. F. B.; LUCREDI, V. R. Patrimônio Arquitetônico Na Paisagem Cultural Da Avenida São João. **Rev. N. de Ger. de Cidades**, v. 6, n. 38, 2018.

SÁNCHEZ, Fernanda. **A reinvenção das cidades para um mercado mundial**. 2ª ed. Chapecó-SC: Argos, 2010.

SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço**: técnica e tempo/razão e emoção. 2ª edição, Editora Hucitec, São Paulo, 1996, pág.186-196.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. SciELO-EDUEL, 2012.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Penso Editora, 2016.

ZANI, A. C. **Arquitetura em madeira**. Londrina: EdUEL, 2013.